

O ESTADO POSTO À PROVA PELO SARS-CoV-2? / L'ÉTAT MIS À L'ÉPREUVE PAR LE SARS-CoV-2?

**NOVA FCSH,**  
**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa**  
*Mestrado em Estudos sobre as Mulheres. As Mulheres na Sociedade e na Cultura*  
*Políticas Públicas e Desigualdades, variante do Mestrado em Sociologia*

**Programa INPG, Consumo Substâncias Psicoativas População Geral, Portugal,**  
*Equipa de Investigação Desigualdades Sociais e Ação Pública,*  
*CICS.NOVA, NOVA FCSH*

**Rede Internacional e Interdisciplinar sobre as Desigualdades**

**No âmbito do CR30, Desigualdades, Identidades e Laços Sociais**  
 **AISLF, Association Internationale des Sociologues de Langue Française**

**O ESTADO POSTO À PROVA PELO SARS-CoV-2?**

**L'ÉTAT MIS À L'ÉPREUVE PAR LE SARS-CoV-2?**

**20 e 21 de maio de 2022**

*VII Seminário Internacional sobre Ação Pública e Desigualdades*  
*XXIV Edição do Seminário Internacional NOVA FCSH / Sócrates-Erasmus*

**LOCAL: CAN A223 (ALMNEG) Colégio Almada Negreiros, NOVA FCSH**

**Participação por videoconferência: Acesso a comunicar**

**Participação livre sujeita a inscrição prévia: [cm.balsa@fcsH.unl.pt](mailto:cm.balsa@fcsH.unl.pt)**

## Conferencistas

**Rogério Roque Amaro**, CEI-ISCTE Centro de Estudos Internacionais, Economia e Globalização e Rede Desigualdades

**José Amendoeira**, Instituto Politécnico de Santarém, REDE Desigualdades

**Casimiro Balsa**, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

**Antônio Dimas Cardoso**, Univ. Estadual de Montes Claros e REDE Desigualdades

**Vivianne Châtel**, Université de Fribourg e REDE Desigualdades

**Jordi Estivill**, Xarxa de Economia Solidaria de Catalunya e REDE Desigualdades

**Manuel Lisboa**, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

**Luiz Matos-Macedo**, Univ. Estadual de Montes Claros e REDE Desigualdades

**Cláudia Maia**, Univ. Estadual de Montes Claros, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

**João Eduardo Martins**, Univ. do Algarve, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

**Michel Messu**, PHILÉPOL, Université de Paris e REDE Desigualdades

**Marc-Henry Soulet**, Université de Fribourg e REDE Desigualdades

**Domingos Vaz**, Univ. Beira Interior, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

## Problemática

### ***VII Seminário Internacional sobre Ação Pública e Desigualdades***

#### ***XXIV Edição do Seminário Internacional NOVA FCSH / Sócrates-Erasmus***

***20 e 21 de maio de 2022***

### O ESTADO POSTO À PROVA PELO SARS-CoV-2?

A propagação do SARS-CoV-2 à escala mundial obrigou a uma profunda mobilização de todos os níveis das sociedades. Muitos se interrogam sobre os sentidos das mudanças que essa mobilização poderá vir a provocar nos comportamentos individuais e no funcionamento das instituições. Independentemente das respostas que o tempo (ainda curto) nos dará, é um facto que o SARS-CoV-2, para além de ter obrigado a um condicionamento das rotinas individuais, interpelou o *statu quo* das instituições, mesmo aquelas que, como o Estado, resultam de compromissos regulados entre o médio e o longo prazo. Neste sentido, podemos dizer que o SARS-CoV-2 se apresenta como um analisador (na tradição da análise institucional francesa) ou, como o diria Merton (1968) a importância que têm para a análise “unanticipated, anomalous and strategic datum”. O analisador provoca uma perturbação nas organizações ou nas instituições que não se dão melhor a conhecer que quando são perturbadas (Gilon and Ville 2014:5).

Propomo-nos examinar em que medida e através de que modalidades o Estado é posto à prova pelo SARS-CoV-2, como ele consegue perturbar a aplicação de princípios, muitas vezes longamente e arduamente negociados, e os seus modos de funcionamento que, antes, pareciam incrustados em rotinas inquestionáveis. Propomos distinguir na discussão três aspetos que nos parecem particularmente significativos: 1) o Estado enquanto produtor de políticas públicas; 2) O Estado enquanto promotor de referenciais políticos para a ação pública (Cf. Muller 2000) e 3) O Estado enquanto promotor de políticas científicas das quais ele pode avaliar as possibilidades e os limites, apesar de uma expertise pericentífica que invadiu largamente o espaço público.

Numa primeira aproximação, a ação do Estado interessa-nos na medida em que ela visa a construção de políticas públicas. Percebido a partir desta sua vertente, podemos escrutinar as mudanças observadas ao nível dos vários setores direta ou indiretamente interpelados pela propagação pandémica do vírus. As políticas de saúde ocupam a cena num primeiro momento... No entanto esta propagação vai produzir efeitos em cascata e de ricochete em todos os outros sectores da ação pública. Em que medida e como estes efeitos vão alterar as anteriores políticas seguidas, por exemplo, para diminuir as desigualdades sociais? Como foram reposicionadas as políticas sociais? Em que medida estas inflexões provocam ou prenunciam mudanças significativas nas formas como as políticas públicas, e particularmente as políticas sociais, reagem aos problemas sociais?

Numa segunda aproximação, considerando que o Estado, para além de produzir políticas públicas, também participa na produção dos referenciais políticos, num tempo mais longo, da ação pública (P. Muller), interessa-nos perceber se os referenciais anteriores são questionados com a emergência do SARS-CoV-2. Este questionamento não concerne apenas a

responsabilidade do Estado, mas igualmente a de todos os atores e, particularmente as organizações e os movimentos sociais, que participam na ação pública e na ação coletiva e que têm responsabilidades na definição dos problemas públicos e na formulação das modalidades de ação destinadas a enfrentá-los. A diversidade de interesses suscetíveis de entrar neste vasto campo de ação, permitirá dar conta, sem dúvida, das modulações que os referenciais políticos podem conhecer através dos diferentes sectores da ação e de diferentes contextos geopolíticos. Finalmente, o SARS-CoV-2 mobilizou, de uma forma muito enfatizada, a comunidade científica e os pesquisadores de todas as áreas do conhecimento e, num primeiro momento, os que têm competências diretamente relacionada com a saúde. Em que medida esta mobilização permite assinalar as potencialidades e os limites de uma parceria científica no plano global? No desenvolvimento das parcerias estabelecidas, quem tem a iniciativa e quem a guarda no decorrer dos processos? Quem é excluído? Como os Estados e os seus diferentes aparelhos se articulam com os conhecimentos produzidos pelo campo científico? Quem entra neste “campo científico” e o que motiva os diferentes interesses que aí se associam? Como as políticas científicas são interpeladas pelo SARS-CoV-2? Finalmente, como, através das hipóteses formuladas pelos pesquisadores sobre os efeitos que o vírus pode ter sobre a sociedade, se perfilam diferentes esquemas de inteligibilidade do social (Berthelot 1998). Como é que estes esquemas podem ser reinterpretados e que consequências isso pode ter para a representação de como as sociedades se constroem e como elas podem mudar?

### **Bibliografia**

- Berthelot, Jean-Michel. 1998. *L'Intelligence Du Social*. Presses Universitaires de France. <https://doi.org/10.3917/puf.berth.1998.01>.
- Gilon, Christiane, and Patrice Ville. 2014. “Clefs Pour l'analyse Institutionnelle.” *Actuels* 1 (3 Le sujet dans la cité): 87–98.
- Merton, Robert King. 1968. *Social Theory and Social Structure*. 1968 enl. New York/London: Free Press ;Collier-Macmillan.
- Muller, Pierre. 2000. “L'analyse Cognitive Des Politiques Publiques: Vers Une Sociologie Politique de l'Action Publique.” *Revue Française de Science Politique*. Sciences Po University Press. <https://doi.org/10.2307/43119726>.

**VII Séminaire International sur l'Action Publique et Inégalités**  
**XXIV Edition du Séminaire International NOVA FCSH / Socrates-Erasmus**  
**20 et 21 mai 2022**

**L'ÉTAT MIS À L'ÉPREUVE PAR LE SARS-CoV-2?**

La propagation du SARS-CoV-2 à l'échelle mondiale est à l'origine d'une profonde mobilisation de tous les niveaux de la société. Beaucoup s'interrogent sur le sens des changements que cette mobilisation pourrait produire dans les comportements individuels et dans le fonctionnement des institutions. Indépendamment des réponses que le temps (encore court) nous apportera, il s'avère que le SARS-CoV-2, en plus d'avoir conditionné les routines individuelles, a remis en cause le statu quo des institutions, même celles qui, comme l'État, résultent d'engagements gérés dans le moyen ou le long terme. En ce sens, on peut dire que le SARS-CoV-2 se présente comme un analyseur (dans la tradition de l'analyse institutionnelle française) ou, comme le dirait Merton (1968), l'importance qu'ont pour l'analyse « unanticipated, anomalous and strategic datum » L'analyseur provoque un « dérangement » dans les organisations ou les institutions, qui ne se font mieux connaître que lorsqu'elles sont « dérangées » (Gilon and Ville 2014:5).

Nous nous proposons d'examiner dans quelle mesure et par quelles modalités l'État est mis à l'épreuve par le SARS-CoV-2 ; comment le virus parvient à déranger l'application de principes, souvent longuement et durement négociés et, au-delà, des modes de fonctionnement qui, auparavant, semblaient incrustés dans des routines incontestables. Nous proposons de distinguer dans la discussion trois aspects qui nous paraissent particulièrement significatifs : 1) l'État en tant que producteur de politiques publiques ; 2) L'État en tant que promoteur de référentiels politiques pour l'action (Cf. Muller 2000) et 3) L'État en tant que promoteur de politiques scientifiques dont il a pu évaluer les possibilités et les limites, malgré une expertise périscientifique qui a largement occupé l'espace public.

Dans une première approximation, l'action de l'État nous intéresse en tant qu'elle vise la production de politiques publiques. De ce point de vue, on peut scruter les changements observés par les nombreux secteurs directe ou indirectement interpellés par les conséquences de la propagation pandémique du virus. Les politiques de la santé prennent le devant de la scène dans un premier moment... Cependant, cette propagation va produire des effets d'entraînement et de ricochet dans tous les autres secteurs de l'action publique. Dans quelle mesure et comment ces effets vont-ils modifier les politiques suivies auparavant, par exemple, celles destinées à réduire les inégalités sociales ? Comment les politiques sociales ont-elles été repositionnées ? Dans quelle mesure ces inflexions provoquent-elles ou préfigurent-elles des changements significatifs dans la manière dont les politiques publiques, et particulièrement les politiques sociales, réagissent aux problèmes sociaux ?

Dans une deuxième approche, considérant que l'État, en plus de produire des politiques publiques, participe également à la formulation, à plus long terme, de référentiels politiques pour l'action publique (P. Muller), il nous intéresse savoir si les référentiels antérieurs sont remis en cause avec l'émergence du SARS-CoV-2. Cette interrogation ne concerne pas seulement la responsabilité de l'État, mais aussi celle de tous les acteurs et, en particulier, les organisations et les mouvements sociaux qui participent à l'action publique et à l'action collective et qui ont des

responsabilités dans la définition des problèmes publics et dans la formulation des modalités d'action visant à leur faire face. La diversité des intérêts susceptibles d'entrer dans ce vaste champ d'action permettra, sans doute, des lectures modulées, permettant d'identifier plusieurs formulations des référentiels politiques à travers différents secteurs de l'action et différents contextes géopolitiques.

Finalement, le SARS-CoV-2 a mobilisé, de manière très emphatique, la communauté scientifique et les chercheurs de tous les domaines de la connaissance et, dans un premier temps, ceux ayant des compétences directement liées aux secteurs de la santé. Dans quelle mesure cette mobilisation permet-elle de signaler le potentiel et les limites d'un partenariat scientifique à l'échelle globale ? Au niveau du développement de ces partenariats, qui a l'initiative et qui la garde tout au long du processus ? Qui en est exclu ? Comment l'action menée au nom des États et de leurs différents appareils s'articule-elle avec les savoirs produits par le champ scientifique ? Qui fait partie de ce « champ scientifique » et qu'est-ce qui motive les différents intérêts qui s'y associent ? Comment les politiques scientifiques sont-elles remises en cause par le SARS-CoV-2 ? Enfin, comment, à travers les hypothèses formulées par les chercheurs sur la façon dont le virus peut changer la société, se dessinent différents schèmes d'intelligibilité du social (Berthelot 1998). Comment ces schémas peuvent-ils être réinterprétés et quelles conséquences cela peut-il avoir sur les représentations que l'on se fait sur la façon dont les sociétés se construisent et comment elles peuvent changer ?

### **Bibliographie**

- Berthelot, Jean-Michel. 1998. *L'Intelligence Du Social*. Presses Universitaires de France. <https://doi.org/10.3917/puf.berth.1998.01>.
- Gilon, Christiane, and Patrice Ville. 2014. "Clefs Pour l'analyse Institutionnelle." *Actuels* 1 (3 Le sujet dans la cité): 87–98.
- Merton, Robert King. 1968. *Social Theory and Social Structure*. 1968 enl. New York/London: Free Press ; Collier-Macmillan.
- Muller, Pierre. 2000. "L'analyse Cognitive Des Politiques Publiques: Vers Une Sociologie Politique de l'Action Publique." *Revue Française de Science Politique*. Sciences Po University Press. <https://doi.org/10.2307/43119726>.

**Activités organisées dans le cadre du Séminaire International**  
**Atividades organizadas no âmbito do Seminário Internacional**

**Sexta-feira, dia 20, 10h00 – 11h30**

**Apresentação do livro:**

Casimiro Balsa, Cláudia Urbano e Clara Vital, 2021, *Metodologias de observação de comportamentos escondidos. Consumo de álcool, drogas e outras adições*, Coleção Navegar é Preciso, Edições Humus, Vila Nova de Famalicão.

**Com as participações dos autores**, do **Dr. Manuel Cardoso** (Subdiretor geral do SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências); do **Dr. Joaquim Rodrigues** (Primeiro Presidente do IPDT – Instituto Português da Droga e da Toxicodependência); e do **Dr. João Matias** (Epidemiologista no OEDT – Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência).

**LOCAL: CAN A223 (ALMNEG) Colégio Almada Negreiros, NOVA FCSH**  
**Participação por videoconferência: Acesso a comunicar**

**Sábado, dia 21, 10h30 – 11h30**

**Assembleia Geral da REDE**

**LOCAL: CAN A223 (ALMNEG) Colégio Almada Negreiros, NOVA FCSH**  
**Participação por videoconferência: Acesso a comunicar**



O ESTADO POSTO À PROVA PELO SARS-CoV-2? / L'ÉTAT MIS À L'ÉPREUVE PAR LE SARS-CoV-2?

## PROGRAMA DO SEMINÁRIO

*Sexta-feira, 20 de maio*

<p><b>Abertura</b> PT:12h30-13h00 BR:8h30-9h00</p>	<p><b>Casimiro Balsa</b>, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades <i><b>Apresentação: O vírus SARS-CoV-2 como analisador dos desafios que se colocam à Ação Pública e à Ação Coletiva</b></i></p>
<p><b>Sessão 1: Políticas Públicas interpeladas</b> Coordenação: <b>Clara Vital</b>, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades</p>	
<p>PT:13h00-14h30 BR:9h00-10h30</p>	<p><b>Domingos Vaz</b>, UBI, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades <i><b>Repensar o comum urbano: perspetivas futuras da crise da Covid-19 nas cidades</b></i></p> <p><b>Antônio Dimas Cardoso</b>, UNIMONTES e REDE Desigualdades <i><b>Covid-19, Desigualdades e Privilégios na Educação Profissional Brasileira</b></i></p>
<p>Pausa</p>	
<p><b>Sessão 2: Políticas e Práticas de Saúde</b> Coordenação: <b>Manuela Pereira</b>, AICA e CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades</p>	
<p>PT:14h45-16h15 BR:10h45-12h15</p>	<p><b>Luiz Matos-Macedo</b>, UNIMONTES e REDE Desigualdades <i><b>Repensar Capital, Estado e Epidemia de Coronavírus no Brasil, 2016-2022</b></i></p> <p><b>José Amendoeira</b>, CIEQV, Instituto Politécnico de Santarém <i><b>A Interpretação sociológica na compreensão da complexidade da saúde (individual e comunitária) na crise pandémica</b></i></p>
<p>Pausa</p>	
<p><b>Sessão 3: Violência de Género</b> Coordenação: <b>Cláudia Valadas Urbano</b>, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades</p>	
<p>PT:16h30-18h00 BR:12h30-14h00</p>	<p><b>Cláudia Maia</b>, UNIMONTES, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades <i><b>A crise pandémica e a violência de género no Brasil</b></i></p> <p><b>Manuel Lisboa</b> CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades <i><b>O impacto da covid-19 na violência contra as mulheres: uma análise longitudinal</b></i></p>



*Sábado, 21 de maio*

#### **Sessão 4: Economia Solidária e movimentos sociais locais**

Coordenação: **Luciene Rodrigues**, UNIMONTES e REDE Desigualdades

PT:13h00-14h30

BR:9h00-10h30

**Jordi Estivill**, Xarxa de Economia Solidaria de Catalunya e REDE Desigualdades

*Mosaico internacional de respuestas y alternativas frente a la actual crisis, el papel de la Economía Social y Solidaria*

**Rogério Roque Amaro** CEI-ISCTE e REDE Desigualdades

*Uma experiência de governança local partilhada e participativa em contexto de covid*

Pausa

#### **Sessão 5: Quel Avenir pour les Politiques Sociales ?**

Coordenação: **Casimiro Balsa**, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

PT:14h45-16h15

BR:10h45-12h15

**Michel Messu**, PHILÉPOL, Université de Paris e REDE Desigualdades

**Marc-Henry Soulet**, Université de Fribourg e REDE Desigualdades

Pausa

#### **Sessão 6: O Fim das Luzes e os modelos de inteligibilidade do social**

Coordenação: **Cecília Dionísio**, Instituto de Segurança Social, IP, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

PT:16h30-18h00

BR:12h30-14h00

**João Eduardo Martins**, Universidade do Algarve, CICS.NOVA, NOVA FCSH e REDE Desigualdades

*A Ação Pública à prova do imprevisível: esboço de um esquema de inteligibilidade do social*

**Vivianne Châtel**, Université de Fribourg e REDE Desigualdades

*Une pandémie comme si de rien n'était. Le règne des complotistes et l'échec des Lumières*